

Encontro europeu sobre a formação eclesial em perspetiva sinodal

11-14 de maio de 2025, Villa Cagnola, Milão

Documento final

Por iniciativa do EcclesiaLab e do CCRFE, um encontro europeu reuniu cerca de trinta teólogos e teólogas, formadoras e formadores e demais agentes da formação eclesial e teológica em diversos países europeus em torno da seguinte questão: «**Como pensar e dispensar a formação dos agentes de pastoral – padres, diáconos, religiosas/religiosos e leigos – numa perspetiva sinodal para o futuro da Igreja na Europa?**»

Convicções assumidas ao final do encontro

- Os documentos magisteriais atuais são insuficientes: apelam à mudança, mas permanecem presos aos antigos paradigmas que caracterizam a formação.
- A sinodalidade transforma as relações de poder: os formadores deixam de ser transmissores para se tornarem acompanhadores.
- A inteligência artificial exige um salto qualitativo na formação na Igreja: formar para a ação contextualizada, em vez de acumular conhecimentos.
- A formação interministerial é indispensável: padres, diáconos, religiosos e leigos devem aprender juntos.
- A resistência à mudança deve ser abordada de forma holística: transformar o círculo vicioso em círculo virtuoso.
- As Igrejas particulares na Europa devem refletir e trabalhar de forma coordenada, com o apoio de uma equipe dedicada: a formação sinodal não pode mais permanecer como uma iniciativa dispersa.

A questão da formação de todo o Povo de Deus, e em particular a dos agentes de pastoral, ganha importância no processo sinodal. Os documentos recentes, nomeadamente o *Instrumentum laboris* 2023 e o documento final da XVIª assembleia geral ordinária do Sínodo dos bispos, sublinham uma necessidade acrescida de formação. Os desafios não são apenas práticos ou pedagógicos, mas também profundamente teológicos. O documento final do sínodo destaca: «Na vida da Igreja, cada novo passo é um voltar à fonte, uma experiência renovada de encontro com o

Ressuscitado que os discípulos viveram na noite de Páscoa, no cenáculo» (DF 1). Esta experiência, também vivida durante o sínodo, foi coletiva e partilhada por todos os participantes.

Neste contexto, o encontro europeu visava examinar coletivamente os métodos de formação numa perspetiva sinodal para o futuro da Igreja na Europa. A reflexão foi apoiada na necessidade de uma renovação epistemológica e metodológica, de que fala a constituição apostólica *Veritatis gaudium*, e tendia a superar certos obstáculos como a hiperespecialização e a separação entre as diferentes formações ministeriais.

O objetivo geral foi o de partilhar experiências para desenvolver métodos de formação inovadores adaptados aos desafios contemporâneos, um objetivo que pode ser declinado em três etapas:

1. Explorar vias de implementação concreta de uma verdadeira transdisciplinaridade nas formações eclesiais (padres, diáconos, religiosas/religiosos e leigos em missão pastoral).
2. Identificar novas abordagens pedagógicas (do domínio da educação de adultos) que tenham em conta a experiência e a prática efetiva da vida eclesial, pastoral e missionária (engenharia de formação e pedagogia baseada em competências, didática do concreto, ensino invertido, prática reflexiva, etc.).
3. Prever caminhos concretos de uma formação interministerial e sinodal que, mais do que uma formação para a sinodalidade, signifique uma abordagem sinodal dos nossos processos de formação.

A mudança de época e os seus desafios

Um primeiro fruto da reflexão coletiva foi a identificação dos diferentes componentes da mudança de época e a constatação de que existe um fosso significativo entre os desafios do nosso tempo e a ação eclesial, o exercício da teologia e as práticas de formação.

Assistimos a uma grande aceleração das mudanças, a uma metamorfose múltipla e sistémica nos contextos da investigação, da formação e da educação. Foram identificados vários factores importantes nesta convulsão epistémica. Passamos de uma sociedade do lugar para uma sociedade da ligação: o lugar torna-se uma densidade de ligações. O conhecimento desenvolvido é efémero porque está relacionado com as ligações e conexões que recebe, nomeadamente na Internet, e não ao conhecimento de lugares (cf. *loci theologici*). O resultado é um colapso ou uma metamorfose da hierarquia do saber e da hierarquia da verdade. Estas dinâmicas conduzem progressivamente a um profundo questionamento, ou mesmo a um colapso, das estruturas tradicionais de poder.

Os desenvolvimentos recentes ligados à inteligência artificial exercem uma influência considerável sobre os domínios da educação e da formação. Como sublinhou já o papa Leão XIV, a revolução tecnológica atual – de que a inteligência artificial é simultaneamente símbolo e motor – coloca grandes desafios para toda a humanidade. Como formar e acompanhar as pessoas para que desenvolvam um verdadeiro saber-fazer contextualizado, integrando os conhecimentos, o saber-fazer e o saber-estar, em vez de as deixar evoluir sem pontos de referência, sem compreender nem dominar as questões em jogo?

Certos documentos magisteriais, como a *Veritatis gaudium* e a *Ad theologiam promovendam* (ATP), identificam a amplitude destas mutações referindo-se a uma verdadeira mudança de época que pede uma mudança de paradigma, «uma renovação epistemológica e metodológica» (ATP 3). No entanto, estes mesmos documentos não dão seguimento a esse apelo, permanecendo apegados a uma abordagem clássica da formação teológica e pastoral. Os documentos actuais revelam as suas limitações no que respeita a uma resposta às necessidades reais dos formandos face aos desafios identificados. Mais precisamente, nós constatamos, enquanto teólogas/teólogos e responsáveis de formação, que mesmo no quadro da organização da Igreja e sobretudo no da formação teológica e pastoral, uma transformação sinodal implica uma possível modificação de relações de poder (relação docente-discente; reponsável de formação-agentes de pastoral; e também a forma de pensar o lugar da autoridade na igreja) e a emergência de novos modos de cooperação. Esta transformação não diz apenas respeito aos formadores e aos formandos, mas toca igualmente, e de maneira significativa, os responsáveis, em particular as figuras de autoridade no seio da Igreja, que são frequentemente responsáveis da formação.

Princípios et abordagens para uma formação sinodal

Na perspetiva de uma renovação da formação eclesial a partir de um contexto particular – tendo em conta a diversidade das situações, ou seja, a contextualização – três grandes princípios emergiram: a escuta, a co-elaboração e a circularidade. É necessário:

1. Integrar na formação uma atenção à escuta mútua e aos espaços de silêncio e de integração, e velar por uma participação equitável de todas e todos. A influência da sinodalidade não se limita à questão da governação, ela estende-se igualmente à formação. À imagem dos processos de decisão, trata-se de construir «um clima de abertura ao Espírito e de confiança recíproca» (DF 90).
2. Treinar-se no processo de co-elaboração deixando-nos interpelar pela diversidade dos nossos públicos a fim de construir e perspectivas em conjunto uma nova abordagem à teologia.
3. Integrar no seio da formação teológica, de maneira circular e crítica, três níveis de validação: a experiência pessoal, o que é partilhado com os pares e o que é

transmitido pela tradição. Uma tal sinergia inscreve-se numa dinâmica verdadeiramente sinodal.

Estes grandes princípios permitem responder aos desafios colocados pela *Ad theologiam promovendam* que apela a uma passagem de uma interdisciplinaridade em sentido fraco para uma transdisciplinaridade, ou seja, a interdisciplinaridade em sentido forte¹ (Cf. ATP 5).

As formadoras e os formadores são chamados a inscrever a formação eclesial numa dinâmica de diálogo e de colaboração, favorecendo partilhas mutuamente enriquecedoras entre formandos e formadores, em vez de se limitar a modelos de ensino magistral e unidirecional. Aprendemos experimentando. É crucial ultrapassar os rígidos silos disciplinares para explorar o potencial oferecido por abordagens interdisciplinares inovadoras. A estruturação dos estudos teológicos deve igualmente ter em conta os contextos locais e as culturas, adotando uma flexibilidade que reflita a diversidade das realidades. A formação eclesial deve estar orientada para uma missão ao serviço do Povo de Deus e da sociedade, integrando a riqueza das experiências humanas e das culturas. Além disso, a formação é melhor vivida numa perspetiva sinodal, em que os formandos são colocados no centro do processo e a responsabilidade é partilhada entre todos os envolvidos. Por último, os cursos de formação devem oferecer uma base sólida, ao mesmo tempo que permitem especializações adaptadas às diferentes necessidades e perfis dos formandos.

Algumas abordagens pedagógicas renovadas, discutidas durante o seminário, mostraram que uma mudança progressiva é possível. Elas permitiram situar-nos melhor face às realidades atuais da formação eclesial, identificando simultaneamente as evoluções desejadas na diversidade dos contextos de formação. Nós acreditamos que os desafios são significativos, mas como teólogas/teólogos estamos prontos a ajudar os responsáveis eclesiais.

Três eixos de uma pedagogia sinodal

A partir destas abordagens e destes grandes princípios, emergiram três eixos principais.

1. Uma pedagogia sinodal e generativa

A formação em Igreja torna-se um processo coletivo, ancorado numa pedagogia da co-construção. Os formadores já não são simples transmissores, mas acompanhadores do processo de aprendizagem que se desenvolve num espírito de grupo, promovendo a inteligência coletiva. Tal abordagem implica formatos participativos (ateliers,

¹ Cf. «De um ponto de vista epistémico, esta dimensão relacional conota e define o estatuto da teologia, que é encorajada a não se fechar na auto-referencialidade, que conduz ao isolamento e à insignificância, mas a ver-se como parte de uma rede de relações, principalmente com outras disciplinas e outras formas de conhecimento. É esta a abordagem da transdisciplinaridade, ou seja, da interdisciplinaridade no sentido forte, por oposição à multidisciplinaridade, entendida como interdisciplinaridade no sentido fraco» (ATP 5).

laboratórios, jogos de interpretação de papéis), uma postura ativa de escuta, e uma pedagogia aberta ao inesperado e ao inacabado.

A engenharia de formação é chamada a abrir-se às abordagens transdisciplinares e interministeriais, como o ilustram os apelos a reinstaurar as sessões inter-ministérios e a imaginar percursos creditados (ECTS), integrando seminaristas, candidatos ao diaconado, estudantes de teologia e de outros ministérios em formação.

O documento final do sínodo sobre a sinodalidade insiste aliás fortemente sobre «a necessidade de uma formação em que participem em conjunto homens e mulheres, leigos, consagrados, ministros ordenados e candidatos ao ministério ordenado, permitindo assim crescer no conhecimento e estima recíprocos, e na capacidade de colaborar» (DF 143). Isto pode abranger a formação permanente de todo o Povo de Deus, incluindo o clero e os bispos.

2. Uma pedagogia integral

Formar hoje significa acompanhar um processo de evolução dos formandos a nível pessoal, espiritual e profissional. O desafio ultrapassa a simples aquisição de conteúdos, compreendo uma releitura e uma avaliação da sua própria prática e das articulações entre fidelidade e criatividade. Esta integração é promovida através de instrumentos concretos como o portefólio ou o diário de bordo.

Este modelo é pertinente para todos os tipos de formação em Igreja, e deve ser urgentemente estendido à formação para o diaconado permanente e à de futuros padres. Para isso é necessário encarar de forma nova e corajosa a missão e o modelo de formação dos seminários. Além disso, a experiência dos religiosos e religiosas poderia inspirar pistas simultaneamente novas e testadas, na medida em que a sua abordagem à formação é frequentemente mais participativa, integral e enraizada numa dimensão espiritual.

3. A formação como experiência sinodal

Da mesma maneira que a sinodalidade suscita uma atitude crítica em relação aos conteúdos, ela desafia e transforma as estruturas e as posturas, incluindo a dos formadores e formadoras. Trata-se de fazer de cada espaço de formação um lugar de experiência eclesial real, em que o processo é tão importante quanto o resultado. Mesmo para os formadores e as formadoras, a formação é chamada a transformar-se: de um lugar fixo, ela torna-se uma rede de relações e um espaço de laços vivos. Esta conversão implica igualmente as instituições de formação: as equipas investidas na transformação contínua das práticas, animadas por um espírito sinodal, e atentas a acompanhar todos os interessados.

Perspetivas et implementação

Todos os projetos de mudança comportam um risco significativo de fracasso por conta das resistências internas. Algumas pessoas perdem poder e influência, enquanto que novas formas de sofrimento podem emergir. Todos estes elementos devem ser tidos em consideração, encontrando-se maneiras de transformar o que parece ser um círculo vicioso num círculo virtuoso. O ponto de vista dos que promovem a mudança é muito diferente do ponto de vista dos que a sofrem. A capacidade de aceitação das mudanças pressupõe uma cultura de confiança que exige um compromisso a longo termo. Para preparar o caminho das reformas, é por isso essencial lidar com a resistência à mudança de forma holística, nomeadamente no campo afetivo e relacional.

Podemos tornar-nos uma comunidade de aprendizagem que inclua uma dimensão de vigilância (chamando a atenção para acontecimentos e fenómenos importantes e reveladores) e uma dimensão de construção conjunta, caminhando juntos (*syn-hodos*). Questionamo-nos sobre como criar tais comunidades de aprendizagem no contexto académico e como abordar parceiros de formação e criar laços entre instituições (serviços diocesanos, seminários, etc.). Estes elementos foram integrados no documento, ainda que eles não tenham ainda sido plenamente explorados e discutidos de maneira exaustiva.

Os participantes indicaram querer explorar o que cada um é capaz de fazer no seu contexto próprio, diferente do dos outros, na grande diversidade dos horizontes culturais que são os nossos. Isso implica também que outras iniciativas e seminários serão necessários para permitir este tipo de partilha. Estamos convencidos da necessidade de criar uma equipa europeia dedicada à formação. Esta equipa teria por missão facilitar os intercâmbios com a universidade, as instituições eclesiais, os seminários, os centros de formação, assim como com o conjunto de responsáveis – e sobretudo com os formandos, que se encontram no coração do Povo de Deus.

* * *

Participaram na redação deste texto:

Federico Badiali (Itália), Cesare Baldi (França; Itália), Bruno Becker (França), Nathalie Becquart (Vaticano; França), Maria Biedrawa (França; Alemanha), Nicolas Blanc (Suíça; França), Alphonse Borrás (Bélgica), Luca Bressan (Itália), Paolo Carrara (Itália), Catherine Chevalier (Bélgica), Claudien Chevrolet (Suíça), Talitha Cooreman-Guittin (Suíça; França), Klara Csiszar (Áustria; Roménia), Massimo Epis (Itália), Fabrizio Carletti (Itália), François Fayol (França), Pierre Giorgini (França), Konrad Glombik (Polónia), Pauline Gourrin-Perrodon (Bélgica; França), Philippe Hugo (Suíça), Peter Hundertmark (Alemanha), Arnaud Join-Lambert (Bélgica; França), Christopher Knowles (Reino Unido), Ilkamarina Kuhr (Alemanha), Armin Kummer (Bélgica; Alemanha), David McCallum (Itália; EUA), Isabelle Morel (França), Julian Paparella (Itália; Canadá), Alejandro Pérez

(França; Colòmbie), Michele Roselli (Itàlia), Bernhard Spielberg (Alemanha), Gabriele Tornambé (Itàlia), Pedro Valinho Gomes (França; Portugal), Jens Van Rompaey (Bélgica).

* * *

Traductor: Pedro Valinho Gomez